



**INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH BACHARELADO
INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

KINGUE AFONSO KINGOMBO

**PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO DOS/AS ESTUDANTES
ANGOLANOS/AS NOS MUNICÍPIOS DE ACARAPE E REDENÇÃO, CEARÁ:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE MOBILIDADES**

**REDENÇÃO – CE 2023
KINGUE AFONSO KINGOMBO**

**PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO DOS/AS ESTUDANTES
ANGOLANOS/AS NOS MUNICÍPIOS DE ACARAPE E REDENÇÃO, CEARÁ:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE MOBILIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Janaina Campos Lobo

REDENÇÃO – CE

2023

RESUMO

(Para fins de catalogação do projeto no sistema da UNILAB)

A Unilab foi criada através da lei federal nº 12.289/2010, com “com carga jurídica de autarquia, vinculada ao Ministério da Educação, tendo sede na cidade de Redenção, Estado do Ceará, Segundo Silva(2013) a implantação da instituição começou a ser pensada em 2008, através de uma comissão que identificou temas comuns ao Brasil e aos membros africanos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e conseqüentemente sua expansão(UNILAB) no município de Redenção, Ceará, atraiu um fluxo significativo de estudantes angolanos/as, além de jovens brasileiros/as de diversas localidades, especialmente do Maciço de Baturité, no sertão central do estado. Este projeto, de caráter multidisciplinar, se concentra na análise das dinâmicas de territorialização e integração dos estudantes angolanos na UNILAB e em suas comunidades anfitriãs em Acarape e Redenção, Ceará. Este trabalho busca compreender as seguintes questões: como os estudantes angolanos enfrentam o processo de acesso e ocupação desses espaços? De que maneira essa ocupação impacta as relações com os residentes locais? Quais são os principais conflitos, desafios e dificuldades enfrentados por esses estudantes? E como ocorre o processo de (re)territorialização ao longo do tempo? Para explorar essas questões, o estudo se concentra em vários locais de interação, incluindo o campus universitário, a praça de Acarape, o Complexo Abolição em Redenção, hospitais, a Praça do Obelisco em Redenção e supermercados (de Redenção, Atacarejo, Aliança etc). O objetivo é realizar uma análise tangível das duas cidades que se relacionam com a UNILAB e os/as estudantes angolanos/as. A pesquisa será conduzida por meio de revisão bibliográfica, roteiro semi-estruturado de entrevista, coleta de dados *in loco*, entrevistas abertas e revisão bibliográfica com o intuito de capturar as experiências e perspectivas dos estudantes angolanos que chegaram aos municípios de Acarape e Redenção no Ceará em busca de acolhimento e uma nova vivência territorial no contexto acadêmico e social brasileiro.

Palavra – Chaves: Territorialização, Estudantes Angolanos/as, Integração, Unilab, Comunidades Anfitriãs

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	5
2. JUSTIFICATIVA	7
3. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA.....	8
4. OBJETIVOS.....	10
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
6. METODOLOGIA	17
7. REFERÊNCIAS	19

1. APRESENTAÇÃO

No contexto da contemporaneidade, impulsionado pelo processo de multinacionalização, testemunhamos um avanço significativo do trânsito de pessoas. Na base dessas migrações estão em causa inúmeras razões das quais podemos mencionar: fraca qualidade de ensino, pobreza, precariedade no saneamento básico, escasso poder financeiro, débeis ofertas de emprego, conforme aponta Avtar Brah (2011):

Ao nos aproximarmos do início do século XXI, estamos presenciando uma nova fase nos grandes movimentos populacionais. Desde os anos 80 tem havido um rápido aumento nas migrações ao redor do mundo. Esses movimentos de massa se movem em todas as direções. O volume de imigração aumentou na Austrália, na América do Norte e na Europa Ocidental. Da mesma forma, movimentos populacionais em larga escala ocorreram dentro e entre os países do "Sul". Mais recentemente, os eventos na Europa Oriental e na antiga União Soviética foram um ímpeto para grandes deslocamentos de pessoas. Algumas regiões anteriormente consideradas zonas de emigração são agora zonas de imigração. As desigualdades econômicas dentro e entre regiões, a mobilidade expansiva do capital, o desejo das pessoas para buscar oportunidades de melhorar suas condições de vida, conflitos políticos, guerras e fome são alguns dos fatores que representam um impulso para essas migrações. As pessoas em movimento podem ser migrantes trabalhadores (tanto "documentados" como "não documentados"), especialistas altamente qualificados, empresários, estudantes, refugiados e requerentes de asilo ou parentes de ex-migrantes (BRAH, 2011, p. 209).

No âmbito da educação superior, a internacionalização do ensino desempenha um papel crucial, atraindo estudantes de diversas origens para países anfitriões. Este estudo, portanto, concentra-se na experiência dos/as estudantes angolanos/as que escolheram a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) como destino acadêmico.

Após a chegada ao Brasil, esses/as estudantes angolanos/as se deparam com uma série de desafios e experiências inéditas, uma vez que são percebidos, abordados e tratados como "estrangeiros"¹. Esse status de estrangeiro implica uma posição de "diferença" em relação à cultura e à sociedade do país anfitrião, já que ainda estão se familiarizando com os códigos socioculturais do Brasil.

¹ Gostaria de fazer menção ao conceito de estrangeiro, tal como abordado pelo sociólogo Georg Simmel. Este autor diz que o estrangeiro está próximo e distante ao mesmo tempo e, "a despeito de não estar organicamente anexado ao grupo, o estrangeiro ainda é um membro orgânico do mesmo" (SIMMEL, 1983, p. 188), embora nunca possamos definir com precisão a posição peculiar do estrangeiro no seio de um determinado grupo.

Neste estudo multidisciplinar, buscamos explorar as dinâmicas de territorialização e integração dos estudantes angolanos na UNILAB e nas comunidades anfitriãs dos municípios de Acarape e Redenção, Ceará. Para embasar nossa análise, consideramos as contribuições de diversos autores e estudos relevantes, como Glick Schiller (2010), que aborda o fenômeno da migração global e suas implicações sociais e culturais. Além disso, consideraremos o trabalho de António Firmino da Costa (2015), que discute a experiência de estudantes angolanos em universidades brasileiras.

Por meio desta pesquisa, pretendemos lançar luz sobre os desafios, as oportunidades e as interações interculturais vivenciadas por esses/as estudantes angolanos/as à medida que buscam sua própria reterritorialização em um contexto acadêmico e social específicos. Nossa análise será enriquecida ao considerar as perspectivas dos autores africanos Achille Mbembe, cuja obra "Necropolítica" foi publicada em 2003, e Ngũgĩ wa Thiong'o, autor de "Decolonising the Mind", publicado em 1986, ambos renomados por suas contribuições significativas para o debate sobre a experiência do estrangeiro e a diáspora africana.

Achille Mbembe, em sua obra "Necropolítica," examina as dinâmicas de poder soberano, a construção de identidades e a experiência do estrangeiro em contextos póscoloniais. Ele argumenta que as estratégias de dominação frequentemente marginalizam e desumanizam os estrangeiros, especialmente aqueles que fazem parte da diáspora africana, moldando suas identidades de acordo com os interesses dominantes. Suas ideias oferecem percepções valiosas sobre como a condição de estrangeiro pode ser imposta e vivenciada.

Ngũgĩ wa Thiong'o, por outro lado, destaca o papel da língua e da cultura na construção de identidades e na resistência à assimilação cultural. Sua obra "Decolonising the Mind" explora como a colonização impactou as identidades africanas e defende o resgate e o fortalecimento das línguas e culturas africanas como uma forma de resistência e autodeterminação. Através de sua análise, Ngũgĩ wa Thiong'o oferece uma perspectiva sobre como os estudantes angolanos, ao se deslocarem para um ambiente acadêmico brasileiro, podem enfrentar desafios relacionados à língua e à cultura e buscar formas de reterritorialização que preservem sua identidade africana.

1. JUSTIFICATIVA

Desde muito pequeno, isso ainda na infância, ficava intrigado sobre o porquê dos meus familiares próximos e queridos terem de se afastar de mim, isso por via de : voo, navios, barcos, helicópteros emergenciais, depois de suas partidas e ausências físicas houve grande dificuldades de contactos, pois na altura, não tínhamos acesso individual à telemóveis, só celular público que se pagava para falar e a fila, era extensa, só restaram deles muitas saudades e fotos impressas. Foi somente ao crescer e frequentar o secundário e médio que percebi as razões das suas saídas. Daí, quando vim para o Brasil ao cursar BHU, decidi pesquisar sobre a temática, pois também experimentei esse processo de desterritorialização.

Dessa maneira, os processos de desterritorialização e reterritorialização são experiências muito desafiadoras, pois somos convidados a experimentar o desligamento emocional, geográfico, espiritual. O interesse por esta temática de pesquisa é fruto de muitas leituras sobre as inquietações que norteiam o meu pensamento como cidadão angolano que enfrentou processo semelhante de reterritorialização, mas de uma forma muito dificultosa, pois adoeci e tive de regressar ao meu país para fins de tratamentos e de inúmeros internacionais e especificamente angolanos que escolhem o , Ceará, Brasil como destino académico, residencial, profissional, matrimonial e espiritual. Sendo este angolano que teve pouca oportunidade de conhecer a realidade transcultural do do Brasil.

Com isso, acreditamos que esta pesquisa desempenhará um papel fundamental na promoção de uma visão mais informada e inclusiva da experiência dos estudantes angolanos, bem como de todos os estrangeiros que buscam educação e crescimento pessoal em um ambiente transcultural. Mudar de um lugar de origem para um outro de destino, implica uma profunda adaptação, integração, estabelecimento conhecido como “reterritorialização” em casos mais extremos até se pode dar o patriamento. Fenômeno este multifacetado, que requer novas interações e complexas relações que os/as angolanos/as precisaram e precisarão reterritorializar-se nesse novo ambiente de Acarape e Redenção, região do Maciço de Baturité, interior do Ceará.

Por outro lado, nossa pesquisa também tem importância, porque estudo baseia-se em teorias e análises de autores renomados. A obra de Homi K. Bhabha, como "O Local da Cultura" (1998), destaca como os estrangeiros são constantemente definidos em

relação ao que é considerado "normal" ou "nativo" em uma sociedade e como essa marginalização afeta a identidade do estrangeiro. Além disso, o trabalho de Edward Said em "Orientalismo" (2007) lança luz sobre a representação estereotipada de estrangeiros, particularmente aqueles de origens não ocidentais, moldando suas interações e percepções em novos espaços.

A análise também se beneficia das contribuições de Stuart Hall, cujo trabalho em "A Identidade Cultural na Pós-modernidade" (1992) explora as complexidades da identidade cultural em contextos de migração e diáspora. Através de sua abordagem, podemos compreender melhor como os/as estudantes angolanos/as enfrentam a reterritorialização e negociam sua identidade em um ambiente acadêmico brasileiro.

2. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Durante a fase de preparação e idealização para a mobilidade, tendemos a focar apenas nas experiências positivas e evitamos pensar nas possíveis dificuldades que podem surgir em um novo território. Essa tendência humana de evitar antecipar desafios e contratempos muitas vezes nos deixa despreparados, psicologicamente, emocionalmente e até mesmo financeiramente, para enfrentar as realidades que surgem durante o processo de reterritorialização. Quando confrontados com o desconhecido, muitos enfrentam um choque cultural e emocional significativos.

É fundamental estes processos nomeadamente: “Desterritorialização” e “Reterritorialização”. Para compreender esses conceitos, precisamos retomar as leituras do geógrafo brasileiro Rogério Haesbaert, que cita que a desterritorialização é como um mito, pois tal noção seria incapaz de reconhecer o caráter imanente da (multi)territorialização na vida dos indivíduos e dos grupos sociais. Assim, afirmamos que, mais do que a desterritorialização desenraizadora, manifesta-se um processo de reterritorialização espacialmente de contínua e extremamente complexo.

Dentro desta pesquisa propusemo-nos compreender a circulação em duplo sentido: 1º o trânsito dos/as angolanos/as nos seus lugares de origem para o lugar de destino; 2º nas cidades e academia, hospitais, secretárias municipais, acolhimento, as dificuldades (emocionais, físicas), adversidades e bloqueios. Para esses estudantes, a desterritorialização é um desafio, pois envolve a renúncia de parte de suas vidas construídas - família, tradições, rituais, dinâmicas sociais, lugares com vínculos

anscentrais, medicina natural, amigos, família, gastronomia etc em busca de novas oportunidades, especialmente no contexto do ensino superior.

Nesse contexto, autores como Lev Vygotsky, conhecido por suas contribuições à psicologia cultural, podem ser relevantes. Sua teoria socioconstrutivista destaca como a cultura e o contexto social influenciam a aprendizagem e o desenvolvimento dos indivíduos. Isso pode se relacionar com a adaptação dos/as estudantes angolanos/as ao novo ambiente acadêmico e cultural.

Outro autor importante é Hans-Georg Gadamer, cuja obra "Verdade e Método" (1960) destaca a importância da compreensão intercultural e da hermenêutica na interpretação de diferentes contextos culturais. Isso pode fornecer *insights* sobre como os estudantes enfrentam a reterritorialização em um ambiente culturalmente diverso.

Dessa forma, esta pesquisa busca responder às seguintes perguntas: quais são os desafios, tensões e conflitos enfrentados por esses/as estudantes angolanos/as nos municípios de Acarape e Redenção durante o processo de reterritorialização? De que maneira eles/as conseguem superar essas situações? Quais medidas são utilizadas por esses/as estudantes angolanos/as, quais são as instituições engajadas, quais políticas sociais são pensadas para eles/as, como eles/as lidam face aos embates, bloqueios, segregações, desigualdades, dificuldades e as adversidades? Por fim, quais são os meios usados pelos/as angolanos/as para superarem todo esse processo? Ao abordar essas questões, nosso objetivo é compreender a realidade desses/as estudantes angolanos/as e compartilhar dados qualitativos obtidos por meio desta pesquisa. Esperamos que essa compreensão inicial abra espaço para futuras investigações relacionadas a esse tema importante e complexo.

OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral:

Compreender as dinâmicas, as adversidades e o sistema de reterritorialização de estudantes angolanos/as nos municípios de Acarape e Redenção, Ceará, considerando o contexto acadêmico, sociocultural e psicoemocional.

4.2 Objetivos Específicos:

- Investigar os fatores que motivam estudantes angolanos/as a escolherem a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira (UNILAB) e esses municípios como destino acadêmico;
- Analisar as experiências vivenciadas por estudantes angolanos/as durante o processo de reterritorialização, incluindo as adversidades emocionais, culturais e sociais;
- Explorar os planos e estratégias utilizados pelos/as estudantes angolanos/as para superar as barreiras encontradas e se integrar às comunidades locais;
- Definir o papel das instituições de ensino, da comunidade acadêmica e da sociedade local na facilitação ou impedimento do processo de reterritorialização dos/as estudantes angolanos/as.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O processo de reterritorialização de estudantes angolanos/as nos municípios de Acarape e Redenção, Ceará, é um fenômeno complexo que se insere no contexto mais amplo da migração, diáspora e da experiência do estrangeiro. Nesta fundamentação teórica, exploraremos diversas perspectivas teóricas, conceituais e autores, cujas contribuições iluminam o entendimento das dinâmicas envolvidas nesse processo multifacetado.

Importante mencionar que lugar e pertencimento são congruentes; mas precisamos enfatizar que o território antes de se exprimir por uma ligação a um lugar particular, é uma relação entre pessoas e se refere à organização do espaço carregada de história, como alertou a antropóloga Emília Pietrafesa de Godoi (2014).

A preservação da identidade cultural é uma preocupação significativa para os/as estudantes angolanos/as em processo de reterritorialização. Nesse sentido, Stuart Hall e sua obra "A Identidade Cultural na Pós-modernidade" (1992) oferecem uma visão crítica sobre como a identidade é moldada por fatores culturais e sociais. Isso se torna especialmente relevante para a discussão das estratégias de reafirmação da identidade cultural por parte dos/as estudantes angolanos/as.

De Stuart Hall (1992) é essencial apreender a primeira parte de sua obra onde ele discorre sobre mudanças nos conceitos de identidade e sujeito. Hall traz-nos três concepções de identidade e a compreensão de que identidade não é uma celebração fixa, unificada, estagnada, mas sim móvel, ou seja, é uma celebração formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos planos culturais das nossas sociedades, ou seja, a identidade não é definida biologicamente, mas sim historicamente, pois os sujeitos vão assumindo identidades em diferentes momentos, as nossas identidades são continuamente deslocadas. Como dito pelo autor, fica evidente que os/as estudantes angolanos/as podem nesse novo lugar ter suas identidades reafirmadas, pois eles/as podem ser deslocadas; não-fixas:

Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (Hall, 1992, p.13).
Além de Stuart Hall, o geógrafo Milton Santos na sua obra “A natureza do espaço”

(2014) aborda a força do “lugar” e como os africanos escravizados ao serem trazidos para o Brasil conseguem reaprender o que nunca lhes fora ensinado, e como os africanos

escravizados na medida que vão reaprendendo sua ignorância vai sendo substituída aos poucos pelo conhecimento desse novo lugar. O autor também percebe este lugar de forma dualitária, de modo como o novo lugar pode mudar o homem, na medida em que ele conheça esse novo lugar e na medida que ele se desaliena e se integra neste lugar ele pode recuperar a parte do seu “ser”. Por fim, Milton Santos diz que “lugares” atuam como mediadores entre o mundo e o indivíduo” (Santos, 2002, p.329):

O novo ambiente opera como uma espécie de detonador. Sua relação com o novo morador se manifesta dialeticamente como territorialidade nova e cultura nova, que interferem reciprocamente, mudando-se paralelamente territorialidade e cultura; e mudando o homem. Quando esta síntese é percebida, o processo de alienação vai cedendo ao processo de integração e de entendimento, e o indivíduo recupera a parte de seu ser que parecia perdida (SANTOS, 2014).

Na sequência, Milton Santos entende o espaço como um conjunto inabalável de sistemas de objetos e de planos de ações; e que cada lugar é, à sua maneira, o mundo. Além disso, enfatiza que cada um desses lugares é diferente dos demais, porque estão mergulhados em uma comunhão com o mundo: “A história do nosso tempo repõe a questão do lugar em uma posição central: redescobre a dimensão do local (SANTOS, 2002, p. 315).

Ainda sobre a identidade e reafirmação cultural, Homi K. Bhabha em sua obra “O local da cultura (1998) nos apresenta uma visão, um caminho que leva à compreensão de como são constituídas as identidades culturais e, como essas identidades se colapsam na ideia de gerar sentidos que fogem ao conceito de uma cultura estagnada, imóvel, sólida, fixa e fechada.

A cultura poderia ser idealizada centrando-se em percursos que se formem na fronteira das diferenças culturais. É nesse sentido, de fronteira, do intermédio, que o autor constrói o conceito de “entre-lugar”, que nos ajuda compreender a cultura a partir de novos modelos, porque a particularidade de categorias ou gênero enfraquecem-se na visão de entender as dificuldades das relações de identidade no mundo moderno.

E é nessa dinâmica que são produzidos os entre lugares, a partir dos conflitos e aproximações que vão sendo gerados em consequência das diferenças culturais. Essa perspectiva “de fronteira” possibilita uma maior clareza em relação às estruturas de poder e saber. A ideia de fronteira no entre-lugar se formata como um local de onde a história e a cultura são estudadas. A fronteira que permite uma perspectiva “além” a partir do momento em que se percebe as dinâmicas que envolvem essa alteridade presente nas

relações culturais. É a partir dessa diferença cultural que surge a possibilidade de um diálogo entre as culturas. Nessa perspectiva, esse diálogo não é tido como um exercício de exclusão ou de negação entre culturas supostamente opostas, mas como uma constante negociação, uma “capacidade de ligar diferenças no espaço-tempo onde há sempre uma contínua tensão no sentido do como, vai ser construída a narrativa a partir desse diálogo.

Mais uma vez, é deixado evidente como as identidades dos/as angolanos/as nesses novos espaços e lugar aos quais eles terão de se reterritorializar que havendo essas oposições de cultura, há sim a possibilidade uma negociação contínua, é possível sim ligar as diferenças no espaço-tempo. Aqui, os/as angolanos/as podem, segundo Bhabha (1998) estar nesse entre-lugar dialogável com as outras culturas, visualizadas e também contempladas nos novos modelos sociais. Os/as angolanos/as ao romperem essa fronteira do trânsito são visualizados e eles podem ver-se a si mesmo.

Em última instância, esse "entre-lugar" esse terceiro espaço de interação das culturas pode servir também para a gênese e formulação de identidades e performances culturais alinhadas à dominação e, portanto, sendo avessas ao progressismo suposto (Bhabha, 1998, p.38).

Perante ao apresentado, Oyèrónké prossegue explicando como a compreensão de gênero pode produzir ou reproduzir racismo.

Uma característica marcante da era moderna é a expansão da Europa e o estabelecimento de hegemonia cultural euro-americana em todo o mundo. Em nenhum lugar isso é mais profundo que na produção de conhecimento sobre o comportamento humano, história, sociedades e culturas. Como resultado, os interesses, preocupações, predileções, neuroses, preconceitos, instituições sociais e categorias sociais de euro-americanos têm dominado a escrita da história humana (Oyewumi, 2018, p.1).

Os/as estudantes angolanos/as são estranhos nessas cidades, onde até mesmo começam a ter contacto com discussões, vivências e experiências relacionadas com políticas de identidades, especificamente questões de normas de gênero, que são e eram assuntos pouco intangíveis, pois não se verifica só um estranhamento com o lugar, mas também na forma como os corpos são percebidos. Em relação, ao apresentado acima a autora Oyèrónké Oyèwùmí no seu escrito “Conceituando Gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas” (2018), ela afirma: um dos grandes impactos efeitos do eurocentrismo é a racialização do conhecimento: a Europa é representada como fonte de conhecimento e os europeus como conhecedores. A heteronormalização é propagada pelos europeus, dando privilégio ao

gênero masculino como uma parte essencial do “ethos europeu”. Esta realidade foi consagrada na cultura da era moderna. Esta generalização da produção de conhecimento deve ser levada em conta na busca para compreender as realidades africanas.

No entender de Oyěwùmí (2018) o caminho para desconstruir essa racialização do conhecimento pelos europeus que é a compreensão do conceito e funcionamento da família nuclear europeia a partir do entendimento da epistemologia africana. Os europeus nos seus papéis de parentescos há distinções de gênero até a nível nominal, daí que a autora para desconstruir essa generalização traz análise de um grupo do sudoeste da Nígeria, onde a família é não-generalidade não distinção nos papéis de parentescos, pois nelas existe o conceito de “idade relativa”. Por fim, outra razão conflituosa dos/as angolanos/as nessas cidades (Acarape e Redenção) são as formas como os corpos são usados para regular os prazeres, desejos, sentimentos.

Concordando com Oyèrónké(2018), Waldemir Rosa na sua produção acadêmica “Observando uma masculinidade subalterna: homens negros em uma democracia racial prossegue aprofundando a questão do uso dos corpos no contexto brasileiro, especificamente os corpos negros que são sexualizados, ou melhor hipersexualizados. Ele reconhece que há no solo brasileiro um discurso psico-sexual, ou seja, tudo no negro é sexualizado até as suas aptidões intelectuais são sexualizadas ao extremo, sua sexualidade é animalizada removendo deles a racionalidade que lhes caracteriza como integrantes sociais.

Nessa deixa, o autor faz referência a outros dois teóricos Connell e Lee que abordam sobre masculinidade hegemônica que representa a estrutura de poder das relações sexuais, buscando excluir qualquer variação de comportamento masculino. Essa masculinidade impede e retira a capacidade do homem negro se inserir na estrutura de poder, porque sua objetivação é naturalizada, foi assim que ao dialogar em forma de entrevistas com alguns/mas angolanos/as que todas essas realidades ditas pelos autores foram exteriorizadas e vistas por eles como um problema social e considerado por alguns deles como desumano e um bloqueio para se estabelecerem na estruturas social:

a masculinidade hegemônica representa a estrutura de poder das relações sexuais, buscando excluir qualquer variação de comportamento masculino que não se adeque aos seus preceitos. Nesta empreitada subjaz um processo de luta contínuo que envolve mobilização, marginalização, contestação, resistência e subordinação das modalidades de ser masculino não sancionadas pela matriz hegemônica (Carrigan, Connell & Lee apud Oliveira, op. cit p. 104).

Exposto isto, em alternativa, o sociólogo Norbert Elias (2000) ajudas-nos a perceber o que é desterritorialização e como ela pode nos afetar econômica e psicoemocionalmente, além disso ser um fator de segregação e apropriação de poder e superioridade pelos estabelecidos.

Estigmatização eficaz de um grupo outsider por um grupo estabelecido. Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. Enquanto isso acontece, o estigma de desonra coletiva imputado aos outsiders pode fazer-se prevalecer. O desprezo absoluto e a estigmatização unilateral e irremediável dos outsiders, tal como a estigmatização dos intocáveis pelas castas superiores da Índia ou a dos escravos africanos ou seus descendentes na América, apontam para um equilíbrio de poder muito instável. Afixar o rótulo de “valor humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social. (Elias, 2000, p. 27.)

De acordo com Elias (2000) o estigma social é imposto pelo grupo mais poderoso. Finalmente, a capacidade de estigmatizar diminui ou até se inverte, quando um grupo deixa de estar em condições de manter seu monopólio das principais fontes de poder existentes numa sociedade e de excluir da participação nessas fontes outros grupos interdependentes.

Deste modo, Elias (2000) elucida-nos que no processo de se deslocar de um lugar de origem para um de destino, pode ser os “outsiders” (que é uma nomenclatura utilizada pelo escritor para se referir aos “estrangeiros”, os de fora) ao se reterritorializarem irão lidar com a dificuldade de poder se estabilizar economicamente ou galgar posições privilegiadas dentro da estratificação social. Os “outsiders” eram visualizados como uma ameaça, inclusive até a legislação protegia a linhagem histórica familiar dos estabelecidos. Além disso, os outsiders são meros observadores das normas e restrições impostas a eles.

A seguir, Deleuze e Guattari (2001) entendem por desterritorialização do conhecimento: o território é um espaço instituído, organizado e estável. A desterritorialização é uma saída de um suposto território, que implica a reterritorialização. (DELEUZE e GUATTARI, 2001). Portanto, a desterritorialização do conhecimento concede oportunidade para criação de novos territórios mais abertos e acessíveis, onde se abandona, mas não se extermina o território anterior. Os primeiros levaram milênios para modificarem-se, em contrapartida os novos territórios são móveis, descontínuos e flexíveis. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema

percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai gerar toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos [...] (GUATTARI e DELEUZE 1986, p. 323).

A desterritorialização pode ser considerada como um dos traços da chamada sociedade pós-moderna, marcada pela mobilidade, pelos fluxos e pelo desenraizamento. “O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir” (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 323). Na configuração atual da desterritorialização do conhecimento, as práticas educacionais rompem os padrões tradicionais, e descentralizam os saberes através de processos tecnológicos e interativos, mediados pelo ciberespaço.

Quer isto dizer, que conforme Deleuze e Guattari (2001), os/as estudantes angolanos/as ao se desterritorializarem cursam essa linha de fuga, ao transitarem na linha de fuga tem de haver cuidado não de seu curso e sim autodestruir. Essa fuga pode ser motivada por inúmeras razões: uma experiência desagradável naquele lugar, anseio de novas descobertas, aborrecimento do lugar abandonado.

Finalmente, Labigalini (2017) afirma que é a reterritorialização como o movimento de construção do território. Por isso, o território – e por ligação a desterritorialização – estaria impregnado de diversas formas de mobilidade, sendo construídos, abandonados e destruídos/reconstruídos pela e na dinâmica migratória”. Como se pode ver, a reterritorialização implica a comunhão com o território, a reterritorialização é um processo fluído, móvel de construção de identidade e destruição dela ao mesmo tempo, pois nós estaremos a circular constantemente.

O geógrafo brasileiro Rogério Haesbaert (2010), inspirado pelas proposições deleuzianas, defende que a desterritorialização é um mito: tal noção seria incapaz de reconhecer o caráter imanente da (multi)territorialização na vida dos indivíduos e dos grupos sociais. Assim, afirmamos – junto ao autor citado - que, mais do que a desterritorialização desenraizadora, manifesta-se um processo de reterritorialização espacialmente descontínuo e extremamente complexo. E é esse processo que buscarei investigar.

Haesbaert (2010) reforça que falar não simplesmente em desterritorialização mas em multiterritorialidade e territórios-rede, moldados no e pelo movimento, implica

reconhecer a importância estratégica do espaço e do território na dinâmica transformadora da sociedade

6. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste projeto de pesquisa será de cunho qualitativo, com diversos procedimentos técnicos, baseados na pesquisa bibliográfica, documental e pesquisa de campo. Pois que esta pesquisa utilizará técnicas de colheita de dados por meio de questionário, roteiro e entrevistas semi-estruturadas. Para Minayo (2001, p.22), “[...] a pesquisa qualitativa se preocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser qualificada”. Segundo Creswell (2011), a metodologia qualitativa é o caminho pelo qual o pesquisador busca obter a realidade de um fenômeno social que está sendo estudado. Pois para Flick (2013) a pesquisa qualitativa permite o pesquisador ter a resposta do problema construído a partir de uma interpretação. Porém Flick (2013) vai perceber que a pesquisa qualitativa compreende a realidade de um objeto de estudo em causa.

A pesquisa qualitativa estabelece para si a mesma outras prioridades. Aqui, em geral, você não parte necessariamente de um modelo teórico da questão que está estudando e evita hipótese e operacionalização (FLICK,2013, p. 24).

Após essa fase, vai se realizar uma etnografia, método antropológico usado também em diferentes áreas para coleta dos dados. Na coleta dos dados, optamos pela postura intersubjetiva com relação ao objeto de estudo em análise onde centralizamos o nosso foco analítico.

A pesquisa qualitativa, busca desempenhar um papel crucial na interpretação de uma realidade e obter resposta de um dado fenômeno social a fim de compreender os desafios, tensões e conflitos enfrentados pelos/as estudantes angolanos/as, durante o processo de reterritorialização nos municípios de Acarape e Redenção. Como afirma Minayo (2002), a pesquisa qualitativa procura abordar as questões de carácter social e de natureza explicativa de uma realidade social. Por consequente, a pesquisa qualitativa é um tipo de pesquisa que é utilizado com frequência nas ciências humanas e sociais.

A nossa pesquisa com o método etnográfico será baseada no trabalho de campo que pretendemos desenvolver nas cidades de acarape e redenção. O trabalho de campo será desenvolvido através de contato intenso e prolongado com os angolanos residentes no

município (redenção e acarape), com vista a compreender os processos de territorialização e desterritorialização.

Segundo Lima e Miotto (2007), a pesquisa bibliográfica é um levantamento de materiais já produzidos por outros/as autores/as e/ou pesquisadores/as, com finalidade e possibilidade de novas pesquisas, que permitirão a compreensão de uma realidade a ser pesquisada. Sendo que este tipo de pesquisa vai além de caracterizar um problema e desenvolver dentro de um contexto e permite fundamentar a pesquisa de acordo com as obras existentes.

reafirma-se a pesquisa bibliográfica como um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas. (LIMA; MIOTTO, 2007, p.43).

Desta forma, a pesquisa bibliográfica possibilita observar as referências já existentes a partir de uma bibliografia desenvolvida por outros autores (GIL, 2002). De acordo com esse raciocínio a nossa pesquisa parte de uma perspectiva social, política, econômica e cultural; e fará uma digressão/levantamento bibliográfico dos trabalhos científicos precedentes.

Empregar-se-á entrevistas semiestruturadas como uma ferramenta complementar para coletar dados. Seguiremos a abordagem de entrevista semiestruturada descrita por Triviños (1987), que envolve a formulação de questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses relacionadas ao tema da pesquisa. Esses questionamentos servirão como guia, permitindo que os interlocutores compartilhem suas experiências e percepções.

A escolha por entrevistas semiestruturadas se justifica pela flexibilidade que oferecem, permitindo que surjam novas hipóteses e informações à medida que a conversa avança. Isso é enfatizado por Manzini (1990/1991), que ressalta a capacidade desse tipo de entrevista de extrair informações de maneira mais livre, sem a limitação de respostas padronizadas.

REFERÊNCIAS

CLIFFORD, James. **A EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Ufrj, 1998.

CLIFFORD, James. **Sobre a autoridade etnográfica**. In: A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. 320p.

CRESWELL, John W.; CRESWELL, J. David. **Projeto de pesquisa-: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Penso Editora, 2021.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. trad. **Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis & Gláucia Rente Gonçalves**. Belo Horizonte: Ed UFMG, 1998.

BRAH, Avtar. **Cartografias da diáspora: identidades em questão**. Madrid: Maggie Schmi y Traficantes de Sueños, 2011.

DE GODOI, Emília Pietrafesa. Territorialidade. In: SANSONE, Lívio; FURTADO, Claudio Alves. Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa. Salvador: EDUFBA, 2014.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Subjetividade e história. **Micropolítica: cartografias do desejo**, 1986.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**; tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, 2.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Tradução:

Magd Lopes; Revisão técnica: Dirceu da Silva, Porto Alegre: penso, 2013.

FUINI Lucas Labigalini. **O território em Rogério Haesbaert: concepções e conotações**. Geografia, Ensino & Pesquisa, Vol. 21 (2017), n.1.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. **A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari.** *GEOgraphia*, v. 4, n. 7, p. 7-22, 2002.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Lamparina, 2023.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra** (S. Nascimento, Trad.). n-1 edições. **Trabalho original publicado em,** 2013.

OLIVEIRA, Bruno Ribeiro. **A história da descolonização das mentes em Ngũgĩ wa Thiongó** (c. 1964-1986). 2019. PhD Thesis.

OYEWÙMÍ, Oyèrónké; DE FREITAS NETO, Leonardo; PINHO, Osmundo. **Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos.** *Novos Olhares Sociais*, 2018, 1.2: 294-317.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica.** *Revista katálysis*, v. 10, p. 37-45, 2007.

LACERDA JÚNIOR, Fernando. **Psicologia cultural e mudança social.** *Psicologia & Sociedade*, 2011, 23: 197-200.

LEVITT, P. e Glick Schiller, **Perspectivas internacionais sobre migração. Repensando as migrações.** *Novas Perspectivas Teóricas e Empíricas*, 191-229. (2006).

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social.** *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MINAYO, Maria C. **Pesquisa social: teoria e método.** Ciência, Técnica, 2002.

MANZINI, E.J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada.** In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) *Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial.* Londrina:eduel, 2003. p.11-25.

ROSA, Waldemir. **Observando uma masculinidade subalterna: homens negros em uma democracia racial.** Trabalho apresentado no ST, 2006, 18.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** Edusp, 2002.

SIMMEL, Georg. **O estrangeiro,** RBSE Vol. 4 nº 12 dezembro de 2005.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Editora Companhia das Letras, 2007.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Editora Companhia das Letras, 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.